



A MÁSCARA E O ESTRANHO: PERSONA, ALIENAÇÃO E EDUCAÇÃO EM “ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA”

THE MASK AND THE UNCANNY: PERSONA, ALIENATION, AND EDUCATION IN BLINDNESS

DOI: 10.5281/zenodo.20603450



*Egberto Pereira dos Reis*¹

*Jéssica de Jesus Ferreira*²

*Luciana Elisa de Mendonça*³

*Carolina da Cunha Reedijk*⁴

RESUMO

Este artigo analisa a articulação entre máscara, alteridade e formação humana a partir de um diálogo entre Freud, Sartre, Nietzsche, Foucault e José Saramago. A partir da metáfora central de *Ensaio sobre a cegueira*, discute-se como a modernidade transforma a persona, antes mediadora simbólica, em mecanismo de defesa e alienação. Em Sartre, a máscara torna-se expressão da má-fé e da identidade cristalizada pelo olhar do outro; em Freud, a experiência do estranho (Unheimlich) revela o retorno do recaiado e o desmascaramento do sujeito. Saramago radicaliza essas tensões ao mostrar que a cegueira coletiva representa a dissolução das máscaras sociais e a exposição da violência, do desamparo e da fragilidade humana. O ensaio propõe, assim, uma pedagogia do desvelamento, na qual educação e psicanálise convergem para a formação do olhar ético, capaz de reconhecer o outro e a si mesmo. Ao integrar as noções de máscara, estranhamento e cuidado de si, a reflexão aponta a

1 Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Docente e Pesquisador do Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM).

2 Graduanda em Licenciatura em Letras pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Campus Passos (MG).

3 Graduanda em Licenciatura em Letras pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Campus Passos (MG).

4 Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Docente e pesquisadora do Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM).





educação como espaço de elaboração, travessia e reconstrução subjetiva em tempos de “cegueiras luminosas”.

Palavras-chave: máscara; alteridade; psicanálise; educação; Ensaio sobre a cegueira; estranhamento; subjetividade.

ABSTRACT

This article examines the interplay between masks, alterity, and human formation through a dialogue among Freud, Sartre, Nietzsche, Foucault, and José Saramago. Using the central metaphor of *Blindness*, it discusses how modernity transforms the persona—once a symbolic mediator—into a defensive and alienating device. In Sartre, the mask becomes an expression of bad faith and of identities fixed by the gaze of the Other; in Freud, the experience of the uncanny (Unheimlich) exposes the return of the repressed and the unveiling of the subject. Saramago radicalizes these tensions by presenting collective blindness as the collapse of social masks and the revelation of violence, helplessness, and human fragility. The essay proposes a pedagogy of unveiling, in which education and psychoanalysis converge to form an ethical gaze capable of recognizing both the other and oneself. By integrating the notions of mask, estrangement, and care of the self, the reflection portrays education as a space of elaboration, transformation, and subjective reconstruction in times of “luminous blindness.”

Keywords: mask; alterity; psychoanalysis; education; Blindness; uncanny; subjectivity.

1. INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da cultura, a máscara constitui uma das mais instigantes expressões do humano. No mundo antigo, particularmente na Grécia, a persona — termo latino que deriva de per-sonare, “soar através” — tinha uma função estética e ritual: mediava a passagem entre o indivíduo e o coletivo, entre o humano e o divino. O ator trágico, ao colocar a máscara, não escondia a si mesmo; ao contrário, tornava-se o canal por meio do qual o universal se expressava. Assim, a máscara era símbolo de presença e transcendência, não de ocultação.

Com o advento da modernidade e da subjetividade cartesiana, essa simbologia se inverteu. A persona deixou de ser instrumento de revelação e tornou-se o signo do disfarce. O sujeito moderno, encerrado em sua interioridade e fragmentado pela razão, passa a utilizar a

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)





máscara como forma de autoproteção diante da angústia da liberdade. O que antes era meio de comunicação com o cosmos, torna-se barreira contra o olhar do outro. O eu moderno se constrói como aparência, um teatro contínuo em que se tenta sustentar a coerência da identidade.

A pesquisadora Ilda Helena Marques (1998), observa que, em *O Ser e o Nada*, Jean-Paul Sartre evidencia um “desnudamento que revela parcela dos pensamentos vigentes em determinada época”. Esse desnudamento, longe de significar liberdade, é o instante em que o sujeito se vê nu diante de si mesmo, sem os véus metafísicos que o sustentavam. Privado de justificativas transcendentais, ele se descobre condenado à liberdade. “A má-fé é evidentemente uma mentira, pois dissimula a total liberdade do engajamento” (SARTRE, 1989, p. 19). A máscara, nesse contexto, torna-se mecanismo de defesa contra o desamparo ontológico: o homem finge ser o que acredita dever ser, para evitar a vertigem da responsabilidade.

O homem mascarado é, portanto, um ser em permanente representação. Vive “representando um eterno teatro” (MARQUES, 1998, p. 79), no qual o palco é o mundo social e o público é a consciência do outro. Sua existência é uma performance na qual o ser se converte em papel. Freud já percebera algo semelhante quando introduziu o conceito de *Ich-Maske* (máscara do eu), ao indicar que o ego se constitui por identificações e disfarces: o sujeito não é o que é, mas o que deseja parecer ser para obter amor e reconhecimento.

Essa teatralidade existencial encontra em *Ensaio sobre a cegueira* (SARAMAGO, 1995) sua metáfora mais contundente. Na obra, o colapso da visão destrói o cenário e obriga os personagens a confrontar-se sem as máscaras sociais que os sustentavam. O súbito “mar de leite” que cobre o olhar da cidade é o colapso da racionalidade iluminista e o fim da ilusão do controle. A epidemia branca revela que a cegueira maior não está nos olhos, mas nas almas domesticadas por uma moral cega.

Ao contrário da máscara trágica grega, que revelava o universal, a máscara moderna encobre o real. Ela é a superfície polida de uma interioridade em crise. O humano mascarado



é aquele que, temendo o olhar do outro, perde o olhar sobre si mesmo. A epidemia de cegueira em Saramago é, pois, o desmoronar das máscaras de uma humanidade que, iluminada pelo excesso de razão, se esqueceu de ver o essencial — a alteridade.

No romance, a visão que resta à mulher do médico simboliza o resíduo ético e estético que ainda resiste à barbárie: é o olhar que, ao permanecer lúcido, carrega a dor de ver demais. Se, como diz Nietzsche, “toda profundidade ama a máscara”, Saramago nos mostra o reverso: quando as máscaras caem, a profundidade se torna insuportável, e a cegueira é o refúgio. Entre a revelação e a recusa, o humano mascarado oscila — e é nesse intervalo, entre ver e não ver, que a educação pode reencontrar seu sentido mais radical: o de ensinar o homem a olhar novamente.

2. METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica e hermenêutica, desenvolvida a partir da interlocução entre filosofia, psicanálise e literatura. A investigação fundamenta-se na análise interpretativa de obras de Sigmund Freud, Jean-Paul Sartre, Friedrich Nietzsche, Michel Foucault e José Saramago, tomando como eixo central o romance *Ensaio sobre a cegueira*.

A abordagem hermenêutica busca compreender os sentidos simbólicos da máscara, da cegueira e do estranho como categorias de interpretação da subjetividade contemporânea e da formação humana. Nesse sentido, o texto literário é compreendido não apenas como objeto estético, mas como expressão crítica da condição humana e das tensões éticas presentes na modernidade.

A pesquisa adota ainda uma perspectiva teórico-crítica, articulando contribuições da psicanálise freudiana, do existencialismo sartriano e das reflexões foucaultianas sobre subjetivação e cuidado de si. A interpretação das obras privilegia o movimento dialético entre literatura, filosofia e educação, buscando evidenciar como os processos de alienação,





desvelamento e reconhecimento atravessam a constituição do sujeito e os desafios contemporâneos da educação.

3. PERSONA, MÁSCARA E ALIENAÇÃO: DE SARTRE A KAFKA

A máscara sartriana tem afinidade com a alienação moderna. Em *O Ser e o Nada* (1943), Sartre descreve o homem que “se faz coisa” para escapar à angústia da liberdade. Tal sujeito identifica-se com o papel social — o garçom, o professor, o político — e acredita ser apenas aquilo que representa. A existência, então, se converte em performance. Ao assumir o papel como essência, o homem reduz-se à função, evitando o abismo da liberdade que o constitui. Nesse gesto, ocorre o que Sartre chama de má-fé: a mentira a si mesmo, a ilusão de não ser livre.

Essa teatralidade da existência é explorada de modo emblemático na peça *Entre Quatro Paredes* (Huis Clos). Os três personagens — Garcin, Estelle e Inès — estão condenados a conviver eternamente em um mesmo ambiente, sem espelhos nem janelas, forçados a verem-se através do olhar uns dos outros. A ausência de espelhos é substituída pela presença do olhar alheio, e é nesse olhar que cada um se reconhece como inferno: “O inferno são os outros”, afirma Garcin. Essa frase, tantas vezes mal interpretada, não significa rejeição ao outro, mas a denúncia de que a consciência de si é sempre mediada por ele. O outro, ao me olhar, me transforma em objeto — e eu, para escapar, finjo ser aquilo que ele vê.

A máscara, aqui, é o olhar cristalizado do outro que aprisiona o sujeito em uma imagem. A condenação não é estar diante do outro, mas ser incapaz de transcender o papel que o outro me impõe. A relação de dependência entre o olhar e a identidade torna-se uma forma de alienação ontológica. Assim como os cegos de Saramago perdem o olhar físico, os personagens de Sartre sofrem a cegueira metafísica do excesso de olhar: enxergam demais e, por isso, não se reconhecem mais.





Já em *A Idade da Razão*, primeiro volume da trilogia *Os Caminhos da Liberdade*, Sartre (2011), aprofunda o drama da máscara e da má-fé através da personagem Mathieu, professor de filosofia que se vê dilacerado entre a autonomia e o conformismo. A máscara da racionalidade moderna, que pretende justificar todas as escolhas pela razão, é desfeita à medida que Mathieu descobre a impossibilidade de fundamentar moralmente a própria liberdade. A idade da razão, portanto, não é a maturidade do homem racional, mas o momento em que ele se confronta com o vazio de suas justificativas. Mathieu é a metáfora do sujeito moderno que, educado pela razão, perde o sentido do viver — um cego entre certezas luminosas.

Em *A Idade da Razão*, a máscara assume o disfarce da moral liberal e da vida acadêmica. O protagonista ensina filosofia, mas vive em contradição com os valores que professa. A lucidez racional torna-se uma nova forma de cegueira. Assim como o garçom de *O Ser e o Nada* que “é garçom demais”, Mathieu é filósofo demais — um homem que confunde o papel com o ser. Sua angústia é a de quem descobre que nenhuma máscara o salvará da liberdade.

Kafka (1997), em *A metamorfose*, radicaliza essa alienação: Gregor Samsa desperta transformado em inseto e “desenvolve a consciência de uma plena alienação”. O olhar humano se inverte: o homem torna-se o estranho dentro de sua própria casa. Como em Sartre, o corpo se torna prisão e signo de desumanização. A metamorfose é o avesso da máscara — não o disfarce para parecer humano, mas o desmascaramento brutal da condição inumana.

A mesma lógica permeia *Ensaio sobre a cegueira*. O sujeito civilizado, racional e urbano perde a forma e retorna ao caos instintivo. “A legitimidade do humano parece ainda estar muito bem escondida por detrás de suas próprias máscaras”, diz o texto-base. A epidemia é o símbolo dessa revelação: o humano, habituado à aparência, é forçado a reconhecer-se no espelho do outro. Assim como em Sartre, o colapso da visão saramaguiana é a ruína da má-fé coletiva.



Sartre chama de má-fé essa recusa em ver o real. Ela é “a mentira a si mesmo”, uma negação da liberdade que sustenta a estrutura social. O homem, escreve Sartre, “é condenado a ser livre” — mas foge dessa condenação sob a máscara do determinismo, da moral ou da fé. Em *Entre Quatro Paredes*, a máscara é o olhar do outro; em *A Idade da Razão*, é o ideal da lucidez racional; em *O Ser e o Nada*, é a própria estrutura da consciência.

Em Saramago, o colapso da sociedade cega evidencia o mesmo paradoxo: a liberdade só aparece quando as regras desabam. “A liberdade floresce à sombra da não-liberdade” (MENDONÇA, 1994, p. 108). O manicômio torna-se, ironicamente, o espaço da libertação — lugar onde a ausência de leis obriga à reinvenção do humano. A cegueira é o espelho invertido do inferno sartriano: se, em Sartre, o outro é o inferno, em Saramago, a ausência de alteridade é o abismo.

4. O ESTRANHO E O DESMASCARAMENTO: FREUD E O RETORNO DO RECALCADO

A cegueira saramaguiana mantém íntimo parentesco com o estranho (Unheimlich) descrito por Freud (1919). O “estranho” é, segundo a formulação freudiana, “aquilo que deveria ter permanecido secreto e oculto, mas veio à luz” (SOARES, 2019, p. 6). Trata-se de uma experiência em que o familiar se converte em inquietante, em que o conhecido revela seu avesso reprimido. Freud explica:

O tema do ‘estranho’ é um ramo desse tipo. Relaciona-se indubitavelmente com o que é assustador — com o que provoca medo e horror; certamente, também, a palavra nem sempre é usada num sentido claramente definível, de modo que tende a coincidir com aquilo que desperta o medo em geral. Ainda assim, podemos esperar que esteja presente um núcleo especial de sensibilidade que justificou o uso de um termo conceitual peculiar. Fica-se curioso para saber que núcleo comum é esse que nos permite distinguir como ‘estranhas’ determinadas coisas que estão dentro do campo do que é amedrontador.” (SOARES, 2019, p. 2).



Em Ensaio sobre a cegueira, o estranho é o próprio homem. A súbita perda da visão dissolve a fronteira entre o familiar e o inquietante: “o que deveria permanecer oculto vem à tona; a nudez física também desmascara outro corpo estranho — ‘Quem é você?’”. A condição humana, despida de seus disfarces civilizatórios, confronta-se com aquilo que tentava negar: o instinto, o desamparo, a violência.

A cegueira branca funciona, assim, como metáfora psicanalítica do recalco coletivo. A sociedade racional e organizada reprimiu o corpo, o desejo, o impulso vital — até que a luz excessiva da cegueira expõe o que fora recalco. O manicômio, espaço de exclusão e confinamento, converte-se no inconsciente social, lugar onde retorna aquilo que a cultura insistiu em negar.

Freud recorda que o medo de perder os olhos é um dos mais intensos temores infantis, frequentemente associado à angústia de castração:

Sabemos, no entanto, pela experiência psicanalítica, que o medo de ferir ou perder os olhos é um dos mais terríveis temores das crianças. Muitos adultos conservam uma apreensão nesse aspecto, e nenhum outro dano físico é mais temido por esses adultos do que um ferimento nos olhos. Estamos acostumados, também, a dizer que estimamos uma coisa como a menina dos olhos. O estudo dos sonhos, das fantasias e dos mitos ensinou-nos que a ansiedade em relação aos próprios olhos, o medo de ficar cego, é muitas vezes um substituto do temor de ser castrado. O autocegamento do criminoso mítico, Édipo, era simplesmente uma forma atenuada do castigo da castração — o único castigo que era adequado a ele pela *lex talionis*. Podemos tentar, com fundamento racionalista, negar que os temores em relação aos olhos derivem do medo da castração, e argumentar que é muito natural que um órgão tão preciso como o olho deva ser guardado por um medo proporcional (FREUD, 1919/1976, p. 282)

O autocegamento, aqui, figura o gesto simbólico do desmascaramento. Ver demais é perigoso; enxergar o que se queria manter oculto exige o preço da perda. Assim, a luz que tudo revela também fere.

Schelling, retomado por Freud, define o Unheimlich como o momento em que o segredo retorna — a irrupção do reprimido no campo do consciente. Essa irrupção é violenta, mas também constitutiva da consciência: só o que retorna pode ser reconhecido e elaborado.

**Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social**

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





Em Saramago, a mulher do médico, única personagem que conserva a visão, encarna o papel de testemunha: aquela que vê o que não quer ser visto. Sua visão é fardo e responsabilidade; é pela dor de ver que a humanidade pode, talvez, reencontrar-se consigo mesma.

O percurso simbólico traçado por Freud, Schelling e Saramago nos conduz a uma pedagogia do olhar e do desmascaramento. O Unheimlich freudiano, longe de ser apenas um afeto perturbador, constitui uma via de formação do sujeito, uma travessia ética entre o conhecido e o recalcado. Ao emergir o estranho, o eu é convocado a reconhecer aquilo que negava em si mesmo.

Na narrativa saramaguiana, a perda da visão opera como metáfora da crise de consciência contemporânea — uma humanidade que, em nome da razão técnica, tornou-se cega para sua própria barbárie. A “cegueira branca”, símbolo da saturação de luz, revela o que o excesso de esclarecimento tentou apagar: o desejo, o corpo, a alteridade. Assim como em *Dialética do Esclarecimento*, a claridade absoluta transforma-se em escuridão.

Nesse sentido, ver e saber não coincidem. O conhecimento verdadeiro exige suportar o desconforto de olhar o que se quer esconder — seja o inconsciente individual, seja o mal-estar social. A mulher do médico, ao manter o olhar, representa a função ética da testemunha: aquela que suporta ver para que o outro possa lembrar.

Transposta ao campo da educação, essa leitura sugere que ensinar é, em certo modo, produzir desvelamentos. O ato educativo implica confrontar o sujeito com o que nele é estranho, despertar o olhar para o não sabido. Tal como o psicanalista, o educador ocupa o lugar de quem sustenta o espelho do estranho, ajudando o sujeito a reconhecer-se em sua própria falta.

A pedagogia do desmascaramento, portanto, não busca eliminar o estranho, mas integrá-lo como condição de formação. A educação, quando se deixa atravessar pela psicanálise, converte-se em espaço de elaboração do recalcado — um lugar onde o olhar não cega, mas ilumina o que insiste em permanecer nas sombras.





5. CEGUEIRA E DESUMANIZAÇÃO EM SARAMAGO

A cegueira, “símbolo do puro questionamento”, é o eixo do romance. Saramago descreve uma sociedade que, ao perder a visão, revela sua própria cegueira moral. “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara” (SARAMAGO, 1995, epígrafe, s.p).

O romance inicia-se com um homem que subitamente não enxerga mais “senão um mar de leite”. Essa brancura não é ausência, mas excesso de luz: metáfora da civilização que vê demais e compreende de menos. A visão técnica substitui o olhar ético.

Isolados em um manicômio, os cegos recriam a história da humanidade em miniatura: dominação, violência, estupro, fome e, finalmente, solidariedade. “Cada qual se responsabiliza por sua própria existência, a força da segurança pública, os mandos e desmandos do governo, a influência de uma crença religiosa, todos já não existem.”

O narrador saramaguiano é “ora irônico, ora pesaroso, bem-humorado ou crítico”, invadindo o pensamento das personagens “a fim de revelar suas verdades mais recônditas” (MUNER, p. 3). Sua voz é também uma consciência pedagógica — que quer “incomodar a consciência daqueles que percorrem, pela leitura, suas histórias”.

A cegueira, assim, torna-se o espaço da aprendizagem do humano. O desnudamento, físico e simbólico, produz o que Freud chamaria de experiência de verdade: o encontro com aquilo que o eu tentava negar.

6. MÁSCARA, OLHAR E ALTERIDADE: A EDUCAÇÃO DO SUJEITO CEGO

A metáfora da cegueira pode ser compreendida como crítica à educação moderna. Nas sociedades de visibilidade, ver significa dominar; saber é poder. A escola, espelho dessa lógica, educa para o olhar técnico e não para o olhar ético. Ensina a reconhecer objetos, não pessoas.





Em Ensaio sobre a cegueira, o olhar retorna como tarefa moral. A mulher do médico, única que enxerga, vê mais do que gostaria: o horror, a degradação, a perda da humanidade. Sua visão não é privilégio, mas responsabilidade — imagem perfeita do educador que vê quando todos se negam a ver.

Freud permite compreender esse processo como um trabalho de elaboração (*Durcharbeitung*): o sujeito só se transforma ao confrontar o recalcado. A educação, nesse sentido, é a travessia do olhar — a passagem da cegueira confortável para a visão dolorosa da verdade.

Sartre, por sua vez, fornece o fundamento existencial dessa pedagogia. Educar é libertar o homem de sua má-fé, ajudá-lo a reconhecer-se como liberdade. O educador não “transmite conteúdos”, mas revela ao aluno o peso de sua própria escolha.

A cegueira coletiva de Saramago é o oposto da educação: é a má-fé social, a recusa em ver o outro. O romance transforma-se, então, em alegoria pedagógica: mostrar é educar, e educar é desmascarar.

7. A PEDAGOGIA DA MÁSCARA: ÉTICA, LINGUAGEM E RECONHECIMENTO

A máscara, contudo, não é apenas disfarce; é também condição de linguagem. O sujeito fala sempre através de uma persona, uma voz que o antecede e o constitui. Na psicanálise, essa estrutura se revela na própria relação transferencial: o sujeito, diante do analista, repete — ou encena — uma relação primária de amor, de poder, de desejo. A transferência é, portanto, a máscara da verdade: disfarça o real, mas também o faz emergir. Freud, em Estudos sobre a histeria (1895), já advertia que a fala do analisando nunca é direta, mas encenada.





A análise é uma cena onde o sintoma é dramatizado e onde a verdade se esconde sob o véu da repetição. Da mesma forma, em Ensaio sobre a cegueira, Saramago constrói um espaço de encenação coletiva: o manicômio é o palco da humanidade, onde cada personagem transfere no outro suas pulsões reprimidas — medo, agressividade, desejo. As relações entre os cegos são marcadas por esse jogo transferencial: a mulher do médico torna-se, involuntariamente, a figura do supereu, o olhar que tudo vê, enquanto os demais, desprovidos da visão, projetam nela tanto o ideal quanto a culpa.

A transferência, nesse sentido, é o modo pelo qual o sujeito se reconhece através da máscara do outro. O olhar e a palavra tornam-se dispositivos de espelhamento simbólico. Como na relação educativa, o aluno, diante do professor, também projeta figuras de autoridade, amor e resistência. O professor, por sua vez, encarna — sem o saber — o lugar do Outro, aquele de quem o sujeito espera a confirmação do seu ser. Assim, tanto o analista quanto o educador são “máscaras” necessárias à travessia do sujeito: ambos sustentam um espaço simbólico em que o indivíduo possa dizer-se, experimentar-se e, talvez, transformar-se.

Contudo, a máscara também abriga a perversão. A perversão, no sentido psicanalítico, não é simplesmente uma conduta sexual desviada, mas uma posição ética diante do desejo e da lei. O perverso é aquele que, consciente da norma, a transgride para confirmá-la; que, conhecendo a falta, busca anulá-la. Na pedagogia tradicional, essa perversão se manifesta na pretensão de que o professor saiba tudo, de que a educação possa preencher o sujeito. É a fantasia de onipotência pedagógica, que se opõe à escuta e à alteridade.

Lacan (1958) advertia que o perverso se coloca no lugar de instrumento do gozo do Outro — isto é, não reconhece o limite simbólico, mas se oferece como mediador entre a lei e o desejo. Na cena educativa, isso ocorre quando o educador acredita poder “formar” o outro completamente, moldando-o à sua imagem. Nesse ponto, a máscara deixa de ser mediação e se torna dominação.





Saramago, ao contrário, propõe uma ética da escuta e do reconhecimento. Quando os cegos perdem a visão, restam-lhes os sons, as vozes, os gestos — uma linguagem do corpo e da escuta. “Sem olhos para ver, o ouvido se torna mais sensível [...] agora destina-se a ouvir as suas próprias vozes e principalmente a ouvir os outros.” A cegueira, aqui, é metáfora do despojamento necessário para o encontro. O sujeito só pode escutar o outro quando abdica do olhar que o reduz a imagem.

Essa passagem do olhar para a escuta é, ao mesmo tempo, a travessia da perversão à ética. O olhar que quer possuir, dominar ou gozar o outro é perverso; o ouvido que escuta e acolhe é ético. Assim, tanto a psicanálise quanto a educação libertadora implicam uma ética do reconhecimento, na qual o sujeito aprende a lidar com o disfarce — não negando-o, mas compreendendo-o como condição da linguagem e da relação.

A tarefa ética e educativa, portanto, não é eliminar a máscara, mas reconhecer-se nela. A psicanálise ensina que não existe um “eu puro” por trás do disfarce — o eu é efeito da linguagem. A educação que ignora isso torna-se moralista; a que o reconhece, torna-se libertadora. O educador, como o analista, precisa sustentar o espaço da palavra, onde o sujeito possa simbolizar suas máscaras e reconhecer seu próprio desejo.

O narrador-educador de Saramago cumpre exatamente esse papel: convida o leitor a reparar — verbo que significa tanto ver atentamente quanto consertar. Ele repara o humano despedaçado pela cegueira social e o devolve à sua condição de sujeito desejante. A visão se converte em autoconhecimento, e o desmascaramento em formação. A máscara, nesse contexto, é pedagógica: revela aquilo que oculta e, ao fazê-lo, ensina.

Assim, entre a transferência e a perversão, a pedagogia da máscara se torna uma ética da escuta. O educador, como o analista, deve aprender a sustentar o silêncio, a não responder imediatamente, a deixar que o sujeito fale. Só então a palavra pode operar o que Freud chamava de abreação — a liberação simbólica daquilo que estava preso ao sintoma. Educar, nesse sentido, é permitir que o sujeito, por meio de sua máscara, encontre a própria voz.



8. O CUIDADO E O CULTIVO DE SI: ENTRE FOUCAULT E NIETZSCHE

A relação entre o sujeito e sua formação sempre esteve no cerne da filosofia. Contudo, ao longo da história, essa relação foi se deslocando: do conhece-te a ti mesmo socrático ao cultiva-te a ti mesmo nietzschiano e, por fim, ao cuida de ti mesmo foucaultiano.

Em Nietzsche, o cultivo de si nasce de um impulso estético e trágico: o homem só se torna verdadeiramente humano ao criar-se a si mesmo, superando o adestramento moral e a domesticação da cultura. Em *Aurora*, Nietzsche afirma que “a educação é um prosseguimento da geração e, com frequência, uma espécie de embelezamento posterior da mesma” (NIETZSCHE, 2004, p. 96). Esse cultivo é uma obra de arte sobre a própria existência: o homem como escultor de si.

Foucault, por sua vez, desloca o foco do autodomínio para a ética do cuidado. Em *A hermenêutica do sujeito* (2004), ele argumenta que o “cuidado de si” não é um egoísmo, mas uma condição para o cuidado dos outros: “o sujeito só é capaz de governar os outros se souber governar-se a si mesmo”. O cuidado de si foucaultiano não é um retorno ao narcisismo, mas uma prática ética e política de autoconhecimento e vigilância.

Ao contrapormos Nietzsche e Foucault, vemos duas matrizes complementares: o primeiro pensa o cultivo como libertação estética — o tornar-se o que se é; o segundo vê o cuidado como disciplina de si — o exercício ético de atenção permanente. Nietzsche busca a criação de uma vida bela; Foucault, a construção de uma vida responsável.

No entanto, ambos se opõem à educação moralista e disciplinadora que reduz o sujeito a uma função social. Em *Ensaio sobre a cegueira*, a epidemia branca simboliza o fracasso desse modelo disciplinar: a humanidade, formada para obedecer e repetir, torna-se cega quando se perde a vigilância ética e a sensibilidade estética. O manicômio de Saramago é a metáfora do espaço onde a educação tradicional rui — onde o homem precisa reaprender o cuidado e o cultivo.





A mulher do médico, ao cuidar dos outros e suportar o peso da visão, encarna o equilíbrio entre o cultivo (autonomia) e o cuidado (solidariedade). Ela é o contraponto à figura do educador alienado: sua pedagogia é ética, corporal e silenciosa. Ela não doutrina; ela acompanha. Como diria Foucault, “o cuidado de si é uma prática de liberdade” — e, em Saramago, é também a única forma de sobrevivência.

9. EDUCAÇÃO E O DESVELAMENTO DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO

A partir da leitura simbólica de Saramago, Nietzsche e Freud, podemos afirmar que a educação contemporânea enfrenta uma nova forma de cegueira: a cegueira iluminada pela técnica e pela informação. Em *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer (1985) alertam que o esclarecimento, ao se tornar instrumento de dominação, converteu-se em barbárie: “o mito é já esclarecimento, e o esclarecimento reverte à mitologia” (p. 19). A racionalidade moderna, que prometia libertar o homem, agora o aprisiona nas formas impessoais do cálculo e do consumo.

Nesse contexto, o desvelamento do sujeito não é um dado, mas uma tarefa. Educar significa romper com o automatismo perceptivo e simbólico. É criar espaços de reparação — no sentido duplo que Saramago evoca: ver atentamente e reconstruir o que se quebrou.

A cegueira coletiva expressa a alienação do homem que perdeu o contato com a alteridade. Freud já havia identificado esse perigo em *O mal-estar na civilização*: “a civilização impõe sacrifícios pulsionais que se voltam contra o próprio sujeito”. O sujeito contemporâneo é, portanto, cego de tanto ver — e surdo de tanto falar.

A filosofia existencial e a psicanálise oferecem à educação um caminho de retorno à experiência vivida. Kierkegaard já afirmava que a existência não é algo que se ensina, mas que se escolhe. Freud, por outro lado, vê na transferência e na escuta o espaço de elaboração da verdade. Em ambos, o conhecimento não é transmissão, mas transformação.





A educação, assim, precisa tornar-se um espaço de desvelamento, onde o sujeito se veja não como objeto de instrução, mas como ser em formação. Em Saramago, o desnudamento forçado dos cegos é imagem dessa travessia: a dor como condição do autoconhecimento. A mulher do médico, ao final do romance, encarna a educadora psicanalítica — aquela que, vendo, não impõe a visão, mas convida à consciência.

Nesse horizonte, o educador não é aquele que “mostra o caminho”, mas aquele que repara: observa, sustenta e ajuda o outro a ver o que estava reprimido. Educar é ajudar o sujeito a retirar sua máscara, mas também a reconhecer sua necessidade — porque a máscara, como o inconsciente, é parte do humano.

O desvelamento, portanto, não é destruição da máscara, mas reconciliação entre o ser e sua representação. Na linguagem psicanalítica, seria o momento em que o sujeito pode dizer “eu sou aquele que finge, mas sei que finjo”.

Na linguagem existencial, é a passagem da má-fé à autenticidade.

Na linguagem pedagógica, é o instante em que o aluno se descobre autor da própria vida.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tríade máscara-estranho-educação permite compreender Ensaio sobre a cegueira como obra filosófico-pedagógica. Freud mostra que o estranho é o retorno do reprimido; Sartre, que a má-fé é a recusa de si; Saramago, que a cegueira é a metáfora dessa recusa.

Desmascarar-se é ver o estranho em si. E esse gesto, embora doloroso, é o início de toda educação autêntica. A pedagogia que emerge de Saramago e Freud é uma pedagogia do olhar: olhar o outro, olhar-se, e reconhecer no olhar o que há de inumano — para, então, torná-lo humano.





Como lembra Marco Aurélio, “a morte de um ser humano me empobrece porque é um universo único e irrepetível que deixei de travar contato”. A cegueira coletiva é, portanto, a morte simbólica do outro. Ver é, pois, educar-se na alteridade.

Educar, sob a ótica psicanalítico-existencial, é desmascarar — e aceitar que a máscara também ensina. É o exercício de reparar, verbo que, em português, significa tanto ver atentamente quanto consertar. É olhar e reconstruir.

Em tempos de “cegueiras luminosas”, a leitura de Saramago, de Freud e de Sartre devolve à educação sua tarefa mais profunda: ensinar o homem a ver o invisível — a reparar-se e a reconhecer-se no olhar do outro.

A trilogia composta por Freud, Sartre e Saramago nos conduz de um mesmo labirinto: o homem que foge de si sob a máscara da civilização, até o homem que se reencontra no espelho do outro. O percurso da máscara ao cuidado de si é também o percurso da alienação à liberdade. Entre o “cultivo” nietzschiano e o “cuidado” foucaultiano, a educação se revela como arte de formar-se e ética de olhar-se.

Saramago, com sua cegueira branca, nos obriga a reaprender a ver. Freud, com o estranho, nos ensina a reconhecer o que reprimimos. Sartre, com a má-fé, nos convoca à responsabilidade de existir. E a educação, nesse entrecruzamento, torna-se um espaço de cura e criação — o lugar onde o sujeito pode, enfim, desmascarar-se para começar a ver.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

CARVALHO, M. *O editorial e a opinião pública*. São Paulo: Contexto, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981–1982)*. Trad. Márcio Alves da Fonseca; Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL: Conhecimento, Formação e Transformação Social

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





FREUD, Sigmund. O “estranho” (1919). In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XVII: Uma neurose infantil e outros trabalhos (1917–1919). Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 275–304.

KAFKA, Franz. A metamorfose. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARCO AURÉLIO. Meditações. Trad. André Maltês. São Paulo: Penguin–Companhia das Letras, 2017.

MARQUES, Ilda Helena. Sartre e o Existencialismo. Revista Eletrônica Print by FUNREI – Metanoia, n. 1, p. 75–80, 1998.

MENDONÇA, Daniel. O ser e o nada: uma “descoberta” filosófica dos afetos. TRANS/FORM/AÇÃO, v. 17, 1994.

MUNER, Camila. Narrativas e consciência em Saramago. [s.l.: s.n.], [s.d.].

NIETZSCHE, Friedrich. Aurora. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SARAMAGO, José. Ensaio sobre a cegueira. Lisboa: Caminho, 1995.

SARTRE, Jean-Paul. A idade da razão (L’Âge de raison). Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SARTRE, Jean-Paul. O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2011.

SCHELLING, Friedrich W. J. Filosofia da revelação (Philosophie der Offenbarung). Berlim: Reimer, 1841–1842.



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



SCHOPENHAUER, Arthur. Parerga e paralipomena. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SOARES, V. (org.). O estranho e o familiar. Rio de Janeiro: Imago, 2019.

Recebido em: 09/04/2026

Aprovado em: 10/05/2026

Publicado em: 09/06/2026

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social

***A Revista OWL Journal está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)***

